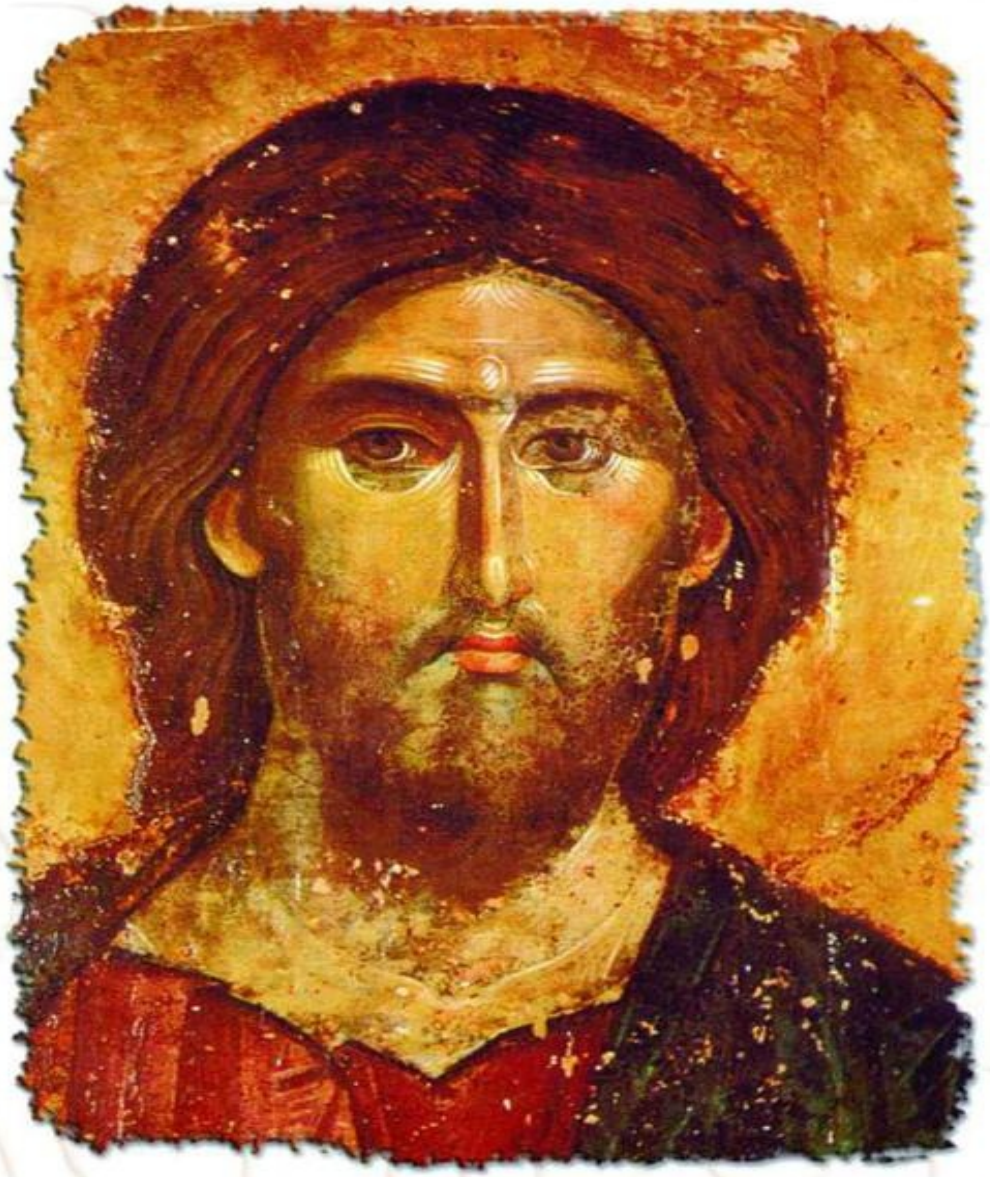
Moysés Louro de Azevedo Filho



Kerigma
Caminho da Paz

Vós, quem dizeis que eu sou?

Incluindo testemunho de vida do autor

VÓS, QUEM DIZEIS
QUE EU SOU?

MOYSÉS LOURO DE AZEVEDO FILHO

VÓS, QUEM DIZEIS
QUE EU SOU?

Coordenação Geral: Filipe Cabral
Coordenação Editorial: Carolina Fernandes
Tradução do Italiano: Marcos Augusto Ferreira Nobre
Diagramação: Augusto F. Oliveira
Finalização: Daniel Garcia da Silva
Capa: Pedro Uchôa do Lago
Revisão: Maria Emmir Oquendo Nogueira
Maria Auristela B. Alves
Elena Arrguy
Amanda dos Reis Cividini

Edições SHALOM
www.edicoesshalom.com.br

Edições Shalom

Estrada de Aquiraz - Lagoa do Junco
CEP: 61.170-000 - Aquiraz/CE | Tel.: (0xx85) 3308.7465
www.edicoesshalom.com.br - comercialedicoes@comshalom.org

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN: 978-85-7784-007-6

5ª Edição

© EDIÇÕES SHALOM, Aquiraz, Brasil, 2011.

Introdução

Você não pode imaginar o misto de alegria, respeito e dificuldade com que faço a apresentação deste livro simples, profundo e transformador.

Alegria por ver, finalmente, as pregações do Moysés tornarem-se palavras escritas para que, assim, possam ser oradas e estudadas por nós, seus filhos da Comunidade Shalom e também por muitos que buscam a Verdade através da vida de um homem de Deus.

Respeito, porque, convivendo diariamente com ele, fica cada vez mais óbvio, com o passar dos dias destes vinte e cinco anos que nos conhecemos, a grande obra de santificação, humildade, serviço, misericórdia e mansidão que o Senhor tem realizado em seu coração sempre dócil à graça divina.

Dificuldade, porque nunca conseguiria dizer, da forma mais completa e abrangente, tudo o que gostaria sobre alguém a quem amo muitíssimo e cuja presença e companhia, testemunho e misericórdia têm sido instrumento de Deus para mudar, incessantemente, minha própria vida e a vida de milhares que nele vêem a presença inequívoca de Deus.

Este livro, extremamente simples e muitíssimo profundo, foi baseado em palestras que o Moysés proferiu em Foggia, na Itália, a convite de seu amigo Oreste Pesare, presidente da Comunidade Magnificat. Oreste transcreveu suas palestras em um livro que, em italiano, chama-se “Sacerdote, Rei e Profeta”. Ao fazer a tradução para o português, foram mantidos o tom coloquial e a descrição de algumas encenações que ele fez durante sua fala.

O que autoriza o livro, porém, é o fato de que o autor vive o que aqui prega. Sendo ele mesmo um sacerdote não somente em decorrência de seu Batismo, mas também como um autêntico e incansável orante; sendo ele próprio um rei por este sacramento e em decorrência de seu serviço infatigável à comunidade, à Igreja e à humanidade, como alegre expressão do seu celibato; sendo ele mesmo um profeta, ousado, ardoroso e criativo evangelizador, tem grande lastro para dizer o que diz sobre Jesus Sacerdote, Rei e Profeta que se manifesta em nós, batizados, nele sacerdotes, profetas e reis.

Peço a Deus que este seja um primeiro livro dentre muitos, pois nós, seus filhos espirituais e milhares de outras pessoas, temos sede da sabedoria que Deus colocou em seu coração e torna visível em sua vida.

Não há como ler “Vós, quem dizeis que eu sou?” sem dar uma resposta

vivencial semelhante à de Jesus Sacerdote, Profeta e Rei: “Eis-me aqui, ó Pai, para fazer a tua vontade!”

Que assim seja!

Maria Emmir Oquendo Nogueira
Em nome de todos os filhos e filhas da Comunidade Católica Shalom

Parte I

Testemunho Pessoal



Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Antes de começar a falar do nosso tema, gostaria de lhes contar uma pequena história. A história de um ritual, do funeral de uma rainha, pertencente a uma família real européia. Segundo o ritual, por ocasião da morte de uma rainha, o féretro era acompanhado por todos os dignitários da corte até um mosteiro. À frente de todos caminhava o príncipe herdeiro. Uma vez chegado o cortejo à porta do mosteiro, o príncipe batia três vezes em nome da rainha. De dentro, um monge perguntava em voz alta:

“Quem és? O que queres?”, ao que o príncipe respondia:

“É a rainha!”, e a seguir enumerava a enorme série de títulos nobiliários da rainha, dizendo por fim:

“...e pede para entrar e repousar em paz”.

De dentro, a voz do monge respondia:

“Não a conhecemos”.

O príncipe, então, batia novamente por três vezes à porta do mosteiro. Outra vez o monge perguntava:

“Quem és? O que queres?”, ao que o príncipe respondia:

“É a rainha!”, e seguia enumerando as obras de caridade empreendidas pela rainha em favor dos pobres. O monge, no entanto, do interior do mosteiro, respondia ainda uma vez:

“Não a conhecemos!”.

Pela terceira vez, o príncipe batia à porta e ao monge que lhe perguntava pela terceira vez quem ele era e o que queria, responde:

“É a rainha, uma pobre pecadora, necessitada da misericórdia de Deus”, ao que o monge finalmente respondia:

“Esta rainha, nós a conhecemos! Abram-se as portas do mosteiro para que entre e possa repousar em paz!”

Com base nesta pequena história, que nos ensina que não são os nossos títulos nem méritos que nos abrem as portas do céu, mas sim a misericórdia de Deus, podemos começar a falar do nosso tema, lembrados exatamente de quem somos: pobres pecadores, necessitados da misericórdia de Deus. Os nossos títulos, as nossas boas obras, tudo o que fazemos, pouco importam diante de Deus. O que conta mesmo é que reconheçamos que somos “pobres pecadores, necessitados da Sua misericórdia”.

Só os pequenos podem reconhecer a misericórdia de Deus, que é Jesus Cristo. Não é isto que Jesus afirma no Evangelho, quando diz: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelaste aos pequeninos”? (Mt 11,25).

Nesses dias meditaremos sobre a pergunta: “Vós, quem dizeis que eu sou?”. Se queremos, realmente, encontrar a resposta é preciso saber que para conhecer Jesus Cristo devemos, antes de mais nada, considerar-nos pequenos, porque só a estes é dado conhecer a misericórdia de Deus. Que o Senhor, neste retiro, possa nos dar a graça de sermos e sentirmo-nos pequenos, para assim chegarmos ao conhecimento da misericórdia de Deus, que tem um nome: Jesus Cristo.

Peço-lhes que se recolham um momento e me acompanhem nesta oração:

Oh Pai, nós te louvamos e te agradecemos, porque tu revelas o teu Filho, Jesus Cristo, aos pobres e pequeninos.

Oh Pai, nós te pedimos: dá-nos um coração pequenino, para que queiramos conhecer mais o teu Filho Jesus Cristo.

Só com um coração pequenino e humilde, nós o poderemos acolher no meio

de nós.

Dá-nos esta graça nestes dias. Amém!

Uma família numerosa

O Oreste me pediu para falar sobre o tema deste retiro, mas também para dar o testemunho da nossa comunidade. Para fazê-lo, preciso dar o testemunho pessoal da minha vida.

Sou o sexto filho de uma família numerosa. Minha mãe teve um filho atrás do outro e eu era o sexto da escadinha. Minha família queria muito um filho do sexo masculino. Minha mãe rezava muito para isso e o Senhor a escutou aos quarenta e três anos, quando ficou grávida de mim. A história da minha salvação iniciou-se, portanto, com aquelas orações que minha mãe fazia. Deus as escutou e pousou, misericordiosamente, o seu olhar sobre ela.

Enquanto crescia, todos diziam de mim que eu deveria me tornar sacerdote, mas isto não me agradava nem um pouco. Por isso, apesar da minha família ser muito comprometida com a Igreja, eu fui me afastando sempre mais desta.

O encontro com Jesus

Ao participar, por acaso, de um momento de oração para jovens, tive o meu encontro com Jesus. Este encontro transformou toda a minha vida. Foi uma experiência fortíssima.

Comecei a engajar-me na Arquidiocese de Fortaleza, no Brasil, na evangelização voltada para os jovens. Não tinha ainda experimentado o Batismo no Espírito Santo e não me interessava por este. Naquele tempo, há vinte anos, pelo menos na Igreja do Brasil, tinha-se uma imagem muito negativa da Renovação Carismática. Pessoalmente, ouvia falar do Batismo no Espírito Santo, mas não queria me envolver com esta experiência.

No serviço de evangelização, encontrei um rapaz que tinha feito a experiência carismática. Seu nome é Hugo Eduardo. Hugo era um jovem de oração, conhecia bem a Palavra de Deus, tinha uma grande intimidade com Jesus e tudo isso era fruto do seu Batismo no Espírito. Quanto a mim, apesar de ser comprometido com a Igreja, não conhecia a oração, não conhecia a intimidade com Jesus e sua Palavra.

O Batismo no Espírito

Certo dia, este jovem e eu estávamos juntos em uma capela, rezando. Ou

melhor, ele rezava; eu, não sabendo como fazê-lo, olhava, distraído, para os vários quadros que decoravam as paredes e observava meu amigo recolhido em oração. Impressionava-me a intimidade da sua oração, da sua conversa com o Senhor.

Em um determinado momento, sem mais conter-me, aproximei-me dele e perguntei:

“O que você tem que eu não tenho? Você conhece a Palavra de Deus e eu não. Você é amigo de Deus e eu não...”, e ele me respondeu:

“Você também quer o que eu tenho?”

“Sim!”, respondi prontamente.

Sem que eu entendesse o que ele estava fazendo, levou-me para diante do altar e ali, impondo as mãos sobre mim, orou pedindo para mim o Batismo no Espírito Santo. Quando terminou de rezar, perguntei-lhe, surpreso:

“Já terminou?”.

“Sim”, respondeu-me calmamente.

Aparentemente, nada havia acontecido naquele momento, nem eu esperava que tivesse que acontecer algo, já que a efusão no Espírito Santo era, para mim, uma experiência desconhecida. Saímos da capela e fomos para as nossas casas.

Na manhã seguinte, acordei muito cedo com um desejo enorme de rezar, com uma extraordinária sede de Deus. O milagre maior tinha acontecido: eu sabia rezar! Além disso, pela primeira vez, lia a Bíblia e entendia tudo o que estava escrito. Passei a manhã inteira no meu quarto, completamente imerso na oração. Ao meio-dia telefonei para o Hugo e lhe perguntei:

“O que você fez comigo?”.

“Vem à minha casa e vou te explicar tudo”.

Corri à casa dele e recebi todas as explicações sobre o Batismo no Espírito Santo e sobre a experiência que eu tinha acabado de fazer.

Desejo de evangelização

A partir daquele dia, juntos, sentíamos que estava crescendo em nós o desejo de evangelizar, acima de tudo os jovens, para partilhar com eles a nossa experiência. No meu coração, porém, tinha uma grande inquietação, pois nós trabalhávamos a cada fim de semana na evangelização dos jovens, mas uma pergunta angustiante permanecia: como atrair os outros jovens, aqueles que estão distante, aqueles que não “põem o pé” na Igreja? Como atingir estes jovens que

jamais aceitariam um convite para ir a uma missa ou a um encontro de oração? A cada dia que passava, esta inquietação crescia dentro de mim.

O encontro com o Papa

Em 1980, o Papa veio visitar a Arquidiocese de Fortaleza. Nosso Cardeal, D. Aloísio Lorscheider disse-me:

“Você vai representar todos os jovens da Arquidiocese durante a Missa com o Papa. Você lhe apresentará a oferta de todos os jovens”. Perguntei-lhe:

“O que poderíamos oferecer ao Papa, nós, os jovens?”.

“Veja você, decida você”, respondeu.

Pus-me a rezar para saber o que deveríamos oferecer e tive a seguinte inspiração:

“Por que não oferecer ao Santo Padre a minha disponibilidade para comprometer-me totalmente na evangelização voltada para os jovens que estão distantes de Deus?”. Decidi-me por isto.

Foi o que aconteceu. Eu jamais havia visto o Papa e pensava que tudo seria muito simples. Não foi. Foi um momento de muitíssima graça para minha vida. Durante dias ensaiei o que iria dizer-lhe quando o visse. Chegada a hora de fazer o meu discurso, porém, à medida em que caminhava em sua direção, senti-me tomado por uma extraordinária presença de Deus. Presença tão forte, tão poderosa, que ainda hoje não consigo me lembrar com exatidão do que aconteceu. Só me lembro de ter gaguejado e, depois, ter ficado totalmente mudo, até que, por fim, o meu olhar e o do Papa se encontraram. O Papa levantou a mão e me abençoou. Tenho certeza de aquele momento, aquela bênção, foi o momento de fundação da Comunidade Shalom.

Uma ideia muito louca

A partir do final daquela missa, nos dias seguintes, o desejo de evangelizar os jovens que estavam mais distantes cresceu dentro de mim, e tomou proporções realmente grandes e loucas.

Naquele período, refletindo e rezando, tomou espaço em mim uma inspiração: Os jovens que não vão à missa, aonde vão, o que os atrai? Vão a uma lanchonete tomar um refrigerante... Por que não começar uma espécie de lanchonete para evangelizar os jovens, e todos os que trabalhassem nesta fossem jovens que, como nós, tivessem tido a experiência do Batismo no Espírito? Um lugar no qual os jovens pudessem escutar os nossos testemunhos e receber o anúncio do

Evangelho. Naturalmente, eu disse a mim mesmo que aquilo era uma bobagem, algo a ser esquecido, algo ilógico. No entanto, quanto mais o tempo passava, mais este pensamento tomava espaço no meu coração, a ponto de ir me convencendo aos poucos.

Um dia, durante uma festa do nosso grupo de oração, eu estava num cantinho a pensar e refletir sobre aquela ideia muito estranha. Estava completamente absorto naqueles pensamentos. Vendo-me assim, um amigo aproximou-se e perguntou-me o que se passava comigo.

“Nada”, respondi, “estou pensando em uma coisa, mas é tão louca que não vale a pena nem falar...”.

“E o que é?”, perguntou-me.

“Deixa para lá, é uma coisa de gente doida...”.

“Diga-me o que é!”, retrucou meu amigo, e insistiu tanto que tive de falar.

Ao ouvir minha narrativa, seu entusiasmo cresceu a tal ponto que, depois de uns dez minutos, a festa acabou-se. Todos terminaram por entrar na conversa sobre “aquela loucura”.

Quanto a mim, estava assustado, pois me parecia que os vinte jovens, que ali se encontravam, estavam ficando entusiasmados demais. Houve quem se oferecesse para alugar uma casa a fim de instalar a lanchonete e quem colocasse à disposição alguns bens. O entusiasmo só crescia, até que me levantei e disse em voz alta:

“Calma, pessoal! Não vamos falar com ninguém sobre esse assunto durante quinze dias! Durante este tempo, vamos só rezar e ver o que Deus quer nos inspirar! Vamos marcar um encontro daqui a duas semanas para voltarmos a falar no assunto”.

Quinze dias depois, quando cheguei ao local combinado, surpreendi-me ao ver que me esperavam não mais os vinte, mas sessenta jovens! Era visível que haviam cumprido muito bem meu pedido de guardar segredo...

Muitos queriam partilhar sua oração, reflexão e sonhos durante os últimos quinze dias. Não havia quem não tivesse tido uma palavra de profecia, uma inspiração, uma confirmação... Ficou claro que assistíamos a uma verdadeira “obra de Deus”. Apoiando-nos somente sobre a fé na sua providência - éramos todos estudantes naquela época, ninguém trabalhava - decidimos começar a lanchonete para a evangelização dos jovens.

De Lanchonete à Comunidade

O que se passou em seguida foi inacreditável! Após pouco tempo conseguimos inaugurar a lanchonete. Dez anos depois, ao escrever a história do Shalom, percebi que a inauguração havia acontecido no dia nove de julho de 1982, exatamente dois anos depois daquele nove de julho de 1980, quando o Papa, celebrando a missa em Fortaleza, me havia abençoado. Esta "coincidência" assumiu para mim o valor de uma grande confirmação da vontade de Deus.

A inauguração contou com a presença de D. Aloísio e centenas de jovens. A lanchonete estava superlotada. Foi uma verdadeira loucura! Ademais, nenhum de nós tinha experiência naquele tipo de trabalho. Não sabíamos cozinhar, não sabíamos fazer nada... Mas, bendita loucura! Naquele dia, para dar uma ideia do clima, visto que tinha tanta gente e tão pouca comida, ao se entrar na cozinha, podia-se encontrar alguém ajoelhado a rezar pela multiplicação dos pães...

Após a bênção das instalações, D. Aloísio pediu-me um suco de laranja, ao que respondi que viria em um minuto. Passaram-se cinco, dez minutos... Depois, vinte... até mesmo, trinta... mas o suco de laranja não chegava. Corri à cozinha e perguntei, assustado:

"Pelo amor de Deus! Onde está o suco de laranja do Cardeal?" Alguém respondeu-me:

"Eu já despachei este suco cinco vezes, mas antes de chegar à metade do caminho, alguém o pega!"

Dez anos depois, quando o Cardeal veio em visita pastoral à nossa comunidade, eu me preparei. Recebi-o dizendo:

"Mesmo com um pouco de atraso, aqui está o seu suco de laranja, D. Aloísio", e entreguei-lhe o copo.

No dia da inauguração, compreendemos que o Senhor nos estava dando um grande carisma para a evangelização dos jovens. Um número tão grande de jovens vindos à lanchonete naquele dia não podia ser explicado facilmente. Com o passar das semanas, no rastro dos jovens vieram seus pais, seus familiares, e, em pouco tempo, havia todo um povo ao nosso redor!

Muitos dentre os jovens sentiram o desejo de doar-se ao Senhor, de consagrar-se totalmente a Ele. Assim nasceu a comunidade.

A Comunidade Shalom

O carisma da nossa comunidade é expresso pelo seu nome, Shalom, Paz; o carisma da Paz. Temos duas formas de pertença: a Comunidade de Vida e a

Comunidade de Aliança. Estão presentes todos os estados de vida: sacerdotes, casais, celibatários e jovens em caminho de discernimento do seu estado de vida.

Vivemos o caminho da paz, que consiste na contemplação através da qual acolhemos a verdadeira paz de Jesus; na unidade que encarna a paz na nossa vida fraterna; e na evangelização para anunciar o Evangelho da paz aos homens. Nosso apostolado acontece de diversas e variadas formas, todas voltadas para a evangelização: temos centros de evangelização, centros de formação, emissões televisivas, estações de rádios, lanchonetes, ministérios voltados para os jovens, para as famílias, para os profissionais, etc.

Hoje, estamos presentes em mais de trinta dioceses do Brasil e sempre prontos a ir aonde os senhores Bispos nos convidarem. Estamos também na Itália, Israel, França, Canadá e, em breve, na África. Os membros da comunidade de vida são cerca de oitocentos; os da aliança são mais de dois mil e vinte mil pessoas fazem parte dos nossos grupos de oração.

O mais importante, porém, não são os números. O mais importante é que estamos vivendo um momento único na história da Igreja. Cada uma das nossas comunidades tem uma vocação, uma missão muito particular neste tempo. O mais importante é dizer o nosso sim ao chamado que o Senhor nos faz. É a partir da experiência pessoal com Deus, com a pessoa de Jesus Cristo, que podemos renovar o nosso sim. Que Nosso Senhor e a Virgem, a Rainha da Paz, nos ajudem a dizê-lo.

Parte II

Introdução

“E vós, quem dizeis que eu sou?”

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! Aleluia!

Ontem vimos que o Pai revela Jesus àqueles que têm um coração pequeno. É exatamente a partir desta escolha do Pai que iniciaremos a nossa reflexão. A Palavra de Deus diz que Deus resiste aos soberbos, mas se revela aos pequenos (cf. Tiago 4,6; 1Pedro 5,5). Que o Senhor nos dê hoje um coração pequeno e humilde para que possamos conhecer melhor a pessoa de Jesus Cristo.

Abramos a Bíblia em Mateus, na passagem que dá título ao nosso encontro e leiamos no capítulo dezesseis, os versículos de 13 a 20:

“Chegando Jesus ao território de Cesaréia de Filipe, perguntou aos discípulos: ‘Que dizem os homens ser o Filho do Homem?’ Disseram: ‘Uns afirmam que é João Batista, outros que é Elias, outros, ainda, que é Jeremias ou um dos profetas’. Então lhes perguntou: ‘e vós, quem dizeis que eu sou?’ Simão Pedro, respondendo, disse: ‘Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo’. Jesus respondeu-lhe: ‘Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isso, e sim o meu Pai que está nos céus. Também eu te digo que: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as Portas do Inferno nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus. Em seguida, proibiu severamente aos discípulos de falarem a alguém que ele era o Cristo”..

É interessante notar nesta passagem que a revelação sobre Jesus Cristo vem da boca de Pedro e que, ao ouvi-la, Jesus lhe promete que fará dele o chefe visível da sua Igreja. Além do primado de Pedro, podemos auferir daí que a Igreja é a depositária da verdade sobre a pessoa de Jesus Cristo.

Comecemos então procurando, nas palavras que a Igreja nos ensina, quem é a pessoa de Jesus Cristo através do Catecismo da Igreja Católica, nos parágrafos 436 e 438:

“Cristo, vem da tradução grega do termo hebraico ‘Messias’, que quer dizer ‘ungido’. Só se torna o nome próprio de Jesus porque este leva à perfeição a missão divina que significa. Com efeito, em Israel eram ungidos em nome de

Deus os que lhe eram consagrados para uma missão vinda dele. Era o caso dos reis, dos sacerdotes e, em raras ocasiões, dos profetas. Esse devia ser por excelência o caso do Messias que Deus enviaria para instaurar definitivamente seu Reino. O Messias devia ser ungido pelo Espírito do Senhor ao mesmo tempo como rei e sacerdote, mas também como profeta. Jesus realizou a esperança messiânica de Israel em sua tríplice função de sacerdote, profeta e rei.

A consagração messiânica de Jesus manifesta sua missão divina. 'É, aliás, o que indica seu próprio nome, pois no nome de Cristo está subentendido Aquele que ungiu, Aquele que foi ungido e a própria Unção com que ele foi ungido: Aquele que ungiu é o Pai, Aquele que foi ungido é o Filho, e o foi no Espírito, que é a Unção'. (S. Irineu de Lion, Adv. Haer., 3,18,3)".

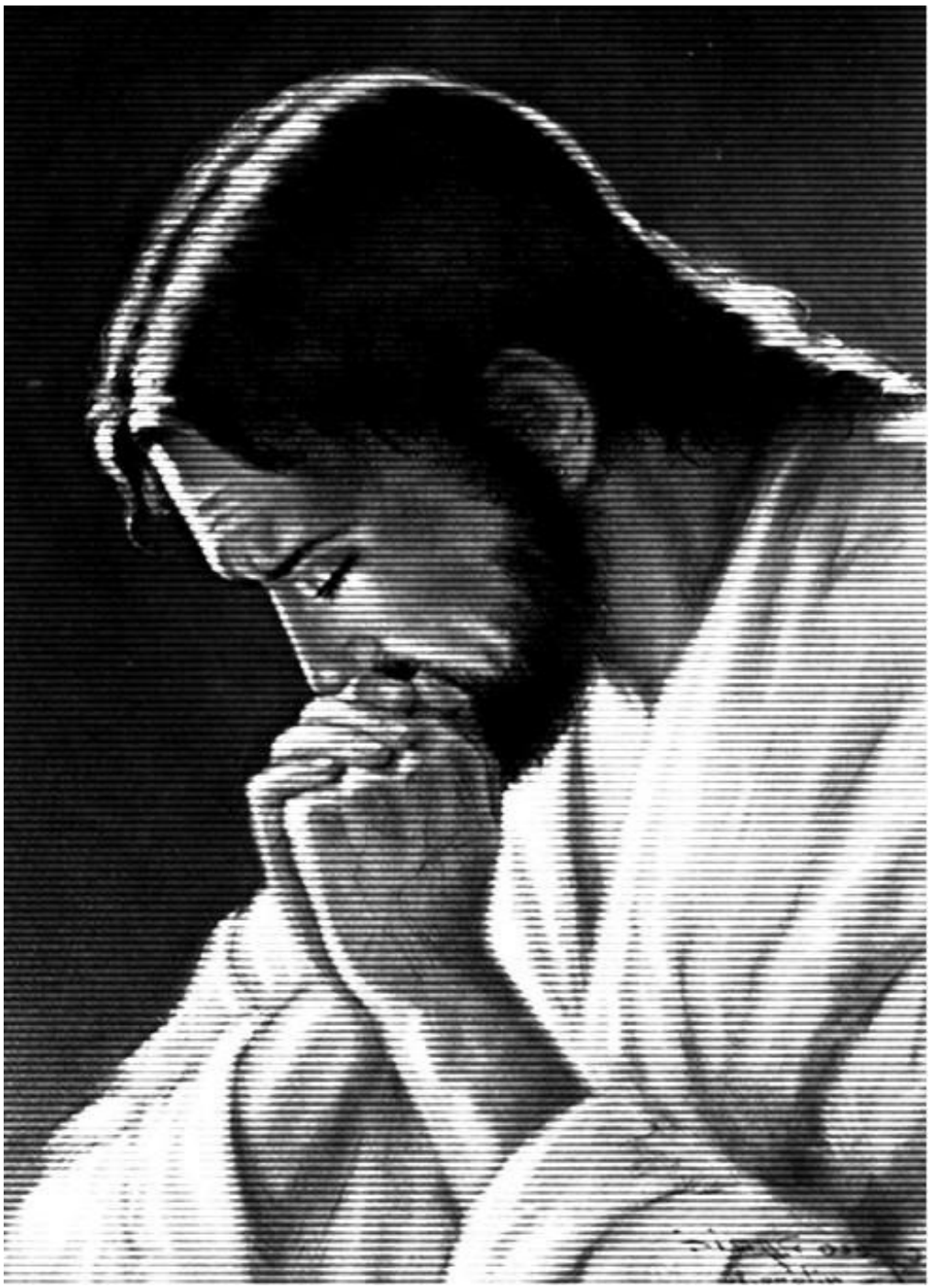
Através das palavras de Pedro e através das palavras da Igreja podemos, então, conhecer melhor a pessoa de Jesus Cristo. Jesus é o Filho do Deus vivo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, é o Messias, o Ungido, e foi ungido para manifestar-se a nós como Sacerdote, Profeta e Rei. Tentaremos compreender mais profundamente a dimensão do Espírito que nos revela Jesus como Sacerdote, Rei e Profeta e o que isto significa para a nossa vida, baseados no que diz o Catecismo: "A consagração messiânica de Jesus revela a sua missão divina". A missão divina de Jesus se manifesta a nós através do seu ser Sacerdote, Rei e Profeta. Na medida em que, por força do nosso batismo, nós nos configuramos a Jesus Sacerdote, Rei e Profeta, a vida divina manifesta-se em nós.

Meditaremos sobre estes três atributos de Jesus com muita simplicidade. Eu não sou teólogo. Tive, tão somente, se é que se pode dizer assim, uma experiência com Jesus Ressuscitado e é esta experiência que quero comunicar-lhes.

Deixando-nos guiar pela Sagrada Escritura, por meio do poder do Espírito Santo, partamos da imagem de Jesus Sacerdote.

Capítulo I

Jesus Sacerdote



Jesus se revela

“Ora, tendo todo o povo recebido o batismo, e no momento que Jesus, também batizado, achava-se em oração, o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corporal, como pomba. E do céu veio uma voz: ‘Tu és o meu Filho’, eu, hoje, te gerei!” (Lc 3,21-22).

A primeira coisa que me vem à mente ao ler esta passagem é que a revelação de Jesus como Filho de Deus é uma manifestação trinitária. Neste episódio que, como sabemos, inicia, em Lucas, a vida pública de Jesus, o Pai o manifesta a todos por meio do Espírito Santo, revelando que Ele é o Filho amado do Pai, aquele em quem o Pai se compraz. O ministério de Jesus inicia-se pela força e unção do Espírito Santo. O Espírito vai conduzir Jesus Sacerdote a uma intimidade sempre mais profunda com o Pai.

O que significa Jesus ser Sacerdote? Jesus é Sacerdote porque, dia após dia, configura sempre mais a sua vontade à do Pai a fim de oferecer-se inteiramente pela nossa salvação. Por meio da oração, Jesus dirá sempre o seu sim cada vez mais profundamente, até aquele sim total na cruz pela nossa salvação.

Jesus orante

Jesus que ora é a exata manifestação da dimensão sacerdotal. Na passagem de Lucas vemos Jesus que reza. Poderíamos pensar que, durante o batismo de Jesus, o céu se abre porque João o batiza, mas não é assim. O céu se abre pela força da oração de Jesus, que tem o poder de atrair o Espírito Santo.

Este é o primeiro ensinamento de hoje: Jesus se revela a nós como um homem de oração. Ele, o Filho de Deus, dedica muitíssimo tempo à oração na sua vida, não só de forma comunitária, mas também individual. Jesus reserva muitos momentos para estar em intimidade com o Pai. No Evangelho, muitas passagens nos mostram Jesus a sós em íntimo colóquio com o Pai. Se Jesus, Filho de Deus, reservava tanto tempo assim para estar em íntima oração com o Pai, quanto mais nós que somos “apenas” filhos no Filho!

Uma calúnia contra a Renovação

Quantas vezes, na comunidade, já não recebemos este ensinamento! Aliás, a respeito disto, quero revelar-lhes um segredo. Inventaram uma grande calúnia contra os “carismáticos”. Vocês sabem qual é? Dizem que nós rezamos muito. Esta é uma grande mentira, porque nós rezamos pouco e rezamos mal... Além

disso - e isto é o pior - nós mesmos acreditamos nesta mentira! Estamos convencidos de que rezamos muito e bem! Muitas vezes, nos esquecemos deste ponto fundamental da vida cristã, daquilo que é, sem dúvida, o segredo da vida cristã: a intimidade com Deus.

A intimidade cotidiana com o Pai

Nunca saberemos quem é Jesus Cristo se não vivermos, dia após dia, a intimidade com Ele. Se não reservarmos todos os dias um tempo longo para estar aos seus pés, se não nos unirmos, dia após dia, à oferta que Jesus Sacerdote faz de si mesmo ao Pai - que se revela fundamentalmente para sermos filhos no Filho - se não orarmos muito e orarmos bem, não nos será possível conhecer Jesus Cristo.

Devemos buscar esta intimidade cotidiana com o Pai, em Jesus, pelo poder do Espírito. Não deve tratar-se de um tempo qualquer, mas um tempo especial, consistente, dedicado a Deus a cada dia: gastar tempo com o Senhor, como Ele gasta tempo conosco, a transformar verdadeiramente a nossa vida.

As dificuldades da oração pessoal

Leiamos uma outra passagem da Sagrada Escritura, na qual o Espírito leva Jesus à intimidade com o Pai. Trata-se de Lucas 4,1-2:

“Jesus, pleno do Espírito Santo, voltou do Jordão; era conduzido pelo Espírito através do deserto durante quarenta dias e tentado pelo diabo. Nada comeu nesses dias e, passado esse tempo, teve fome”. .

Por que o Espírito levou Jesus ao deserto? Para ser tentado? Eu acredito que, antes de tudo, o Espírito levou Jesus ao deserto para que pudesse encontrar-se com o Pai. Na Escritura, deserto é sinônimo de oração, de encontro com Deus.

Mas, notem bem, quando Jesus se deixa conduzir ao deserto para encontrar-se com o Pai, quem é que encontra ali? O demônio. Jesus vai ao deserto para encontrar-se com Deus; encontra, porém, o demônio... O que significa isto para a nossa vida? Significa que aqueles que se decidem a encontrar-se com o Pai e com Jesus na oração, sempre esbarrarão com o inimigo. Por quê? Porque ele é o opositor, aquele que tentará de todas as formas fazer-nos desistir do nosso desejo de intimidade com Deus. Ele é o adversário. Quem decidir ter uma vida íntima com Deus, à imagem de Jesus Sacerdote, encontrará certamente a oposição do maligno.

As dificuldades são de duas ordens: sobrenatural e natural. As da primeira

ordem se manifestarão em todas as coisas que podem nos fazer desistir da oração. A respeito disto, Santa Teresa de Ávila nos diz uma coisa interessante: o inferno inteiro se mobiliza contra aqueles que querem ser homens e mulheres de oração cotidiana, porque o inferno sabe que a estes não terão mais como ganhar. Se alguém decide ser, com Jesus, por meio do Espírito, íntimo de Deus Pai, está perdido para o inferno.

Para compreender quais são as dificuldades de ordem natural, nos serviremos ainda uma vez de um exemplo de Santa Teresa. Diz ela que se enchermos um copo com água de um rio poluído, ao olharmos a água superficialmente, não veremos mais que um copo de água aparentemente boa. Mas se o olhássemos com atenção, colocando-o diante da luz do sol, descobriremos muitíssimas impurezas que antes não nos era dado ver. Se Santa Teresa tivesse vivido hoje, teria formulado este exemplo falando talvez do microscópio, ao invés do sol, e nos teria falado do susto que teríamos tido ao olhar aquela água suja, cheia de inúmeros vírus e bactérias. Semelhante processo ocorre com a nossa vida. Sem a oração seremos cheios de feridas e fraquezas que serão invisíveis para nós, o que as tornará ainda mais perigosas.

A oração é um caminho de auto-conhecimento. Muitos encontram tantas dificuldades neste caminho que desistem, sucumbindo à concupiscência da carne que luta contra eles. Como diz Santa Teresa, é necessário uma “determinada determinação”, para querermos nos configurar a Jesus Sacerdote e viver santamente.

Nada acima da oração

Vejamos outras duas passagens do Evangelho de Lucas (4,42-44 e 5,15-16):

“Ao raiar do dia, saiu e foi para um lugar deserto. As multidões puseram-se a procurá-lo e, tendo-o encontrado, queriam retê-lo, impedindo-o que as deixasse. Ele, porém lhes disse: ‘Devo anunciar também a outras cidades a Boa Nova do Reino de Deus, pois é para isso que eu fui enviado’. E pregava pelas sinagogas da Judéia”.

“A notícia a seu respeito, porém, difundia-se cada vez mais, e acorriam numerosas multidões para ouvi-lo e serem curadas de suas enfermidades. Ele porém permanecia retirado em lugares desertos e orava”. .

Ver Jesus Sacerdote sob este prisma pode assustar. O Espírito conduz Jesus à intimidade, à oração com o Pai e à oferta de si a Ele. Muitas vezes, para fazer isto, é obrigado a distanciar-se da multidão, até mesmo a afastá-la. Isto é um grande ensinamento para quem serve na comunidade. Muitas vezes, nós nos

contentamos em trabalhar para o Senhor, esquecendo o essencial, que é estar com Ele.

Uma história muito significativa

Lembro-me da história de uma líder da Renovação; chamava-se Maria de Sangiovanni. Certo dia, Maria, durante uma oração, teve a visualização de um vaso de vidro muito sujo, coberto de lama. Em um determinado momento, do fundo do vaso, começava a jorrar uma água pura cuja força, lavava toda a sujeira que o cobria. Continuando a jorrar, a água encheu completamente o vaso, e começou a transbordar. Muitas pessoas, aflitas por vários males, aproximavam-se do vaso e matavam a sede com a água que transbordava, ficando completamente curadas das suas enfermidades, saindo dali cheias de vida. Havia uma verdadeira multidão ao redor daquele vaso.

Inesperadamente, porém, Maria percebeu que algo mudava na imagem. A água que jorrava do fundo do vaso, em um determinado momento, começou a diminuir até desaparecer de todo. A multidão, entretanto, não ia embora. O vaso de vidro, então, passou a partir-se e a dar-se àquelas pessoas para que o comessem, mas elas, assim que o faziam, ao invés de receber cura e vida, morriam. Assustada, Maria perguntou ao Senhor qual interpretação devia dar àquela visualização, ao que o Senhor respondeu:

“O vaso que lhe mostrei é você. Um dia eu a encontrei quando ainda estava afundada no pecado e na dor. Estava suja, o seu coração estava sujo. A minha água viva começou a lavá-la e a purificá-la e você começou a ter amizade e intimidade comigo. Quanto mais você estava unida a mim, mais a minha graça agia em você. Doei-me a você muitíssimo, para que outros também, através de você, experimentassem a minha graça. Mas aconteceu algo, Maria... Você parou de olhar para mim, para olhar só para as pessoas que vinham a você. Você se afastou de mim, da oração e a minha água viva parou de jorrar em você. Tendo parado de dar de mim àqueles que vinham a você, você começou a dar de si mesma... Maria, sem mim você não pode fazer nada! Você não é água viva, sem mim você é pecado. Maria, você não é água, você é vidro, que, quem come, morre”.

Muitos de nós, repetidas vezes, poderiam encontrar-se nesta situação. Que o Senhor nos dê a graça de retornar e manter a nossa amizade e intimidade com Ele!

Configurar-se a Jesus

Tomemos Lucas 9,28-36:

“Mais ou menos oito dias depois dessas palavras, tomando consigo a Pedro, João e Tiago, ele subiu à montanha para orar. Enquanto orava, o aspecto de seu rosto se alterou, suas vestes tornaram-se de fulgurante brancura. E eis que dois homens conversavam com ele: eram Moisés e Elias que, aparecendo envolvidos em glória, falavam de sua partida que iria se consumar em Jerusalém. Pedro e os companheiros estavam pesados de sono. Ao despertarem, viram sua glória e os dois homens que estavam com ele. E quando eles iam se afastando, Pedro disse a Jesus: ‘Mestre, é bom estarmos aqui; façamos, pois, três tendas, uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias, mas sem saber o que dizia. Ainda falava, quando uma nuvem desceu e os cobriu com sua sombra; e ao entrarem eles na nuvem, os discípulos se atemorizaram. Da nuvem, porém, veio uma voz dizendo: ‘Este é o meu Filho, o Eleito, ouvi-o”. Ao ressoar essa voz, Jesus ficou sozinho. Os discípulos mantiveram silêncio e, naqueles dias, a ninguém contaram coisa alguma do que tinham visto”.

Por que Jesus subiu a montanha? Para encontrar-se com o Pai. Poderíamos pensar que Jesus tivesse subido para ser transfigurado, mas não é isto. Ele o fez para encontrar-se com o Pai e o Pai o transfigurou.

Muitas vezes, na oração, nós buscamos experiências sensíveis com Deus. Ficamos, assim, muitas vezes desiludidos e não continuamos no caminho de intimidade com Jesus. Esta não é, de forma alguma, a via certa... Mas se buscamos a intimidade com o Pai para sermos transfigurados em Jesus, para sermos configurados a Jesus Sacerdote, para fazer da nossa mente, dos nossos pensamentos, dos nossos sentimentos, a mente, os pensamentos, os sentimentos de Jesus Cristo, então receberemos também as confirmações sensíveis de que precisamos, vivendo sempre mais a sua própria vida em nós.

A MELHOR PARTE

Tomemos Lucas 10,38-42:

“Estando em viagem, entrou num povoado, e certa mulher, chamada Marta, recebeu-o em sua casa. Sua irmã chamada Maria, ficou sentada aos pés do Senhor, escutando-lhe a palavra. Marta estava ocupada pelo muito serviço. Parando, por fim, disse: ‘Senhor, a ti não te importa que minha irmã me deixe assim sozinha a fazer o serviço? Dize-lhe, pois, que me ajude’. O Senhor, porém, respondeu: ‘Marta, Marta, tu te inquietas e te agitas por muitas coisas; no entanto, pouca coisa é necessária, até mesmo uma só. Maria, com efeito, escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada”..

Quantas vezes já não ouvimos esta palavra, quantos comentários e interpretações já não nos foram dados... Talvez, o tema de muitos dos comentários que ouvimos, seriam o do dualismo entre vida contemplativa e vida ativa. Eu não vejo assim. Acho que a interpretação que devemos dar é outra. Vou tentar explicar de uma maneira divertida.

Eu não acho que receber Jesus em nossa casa seja muito fácil, especialmente na hora do almoço, porque Jesus não vem sozinho. Com Ele vêm os apóstolos, com os apóstolos, os discípulos, com os discípulos, a multidão... Não é tarefa muito fácil! Pensemos um instante nas bodas de Caná. Os esposos tinham convidado Maria, Jesus e os apóstolos, mas chegou uma grande multidão. Eis por que depois veio a faltar o vinho e Jesus se sentiu no dever moral de realizar um milagre. Brincadeiras à parte, não acho que receber Jesus em casa tenha sido muito fácil.

Impressiona-me o termo que São Bernardo usa, referindo-se às ocupações: “Eis onde poderiam te levar estas malditas ocupações”. As ocupações são, então, “malditas” em si mesmas? Talvez não, talvez sejam boas. Mas se tornam malditas à medida em que nos tiram do essencial. O que quer que façamos, ainda que aparentemente seja um sucesso, não poderá ser considerado bom, porque não é fruto da nossa intimidade com Deus.

Jesus Sacerdote é um grande exemplo disto. Ele não faz nada sem que isto seja fruto da sua intimidade com o Pai. Quantos de nós não fazemos tantas coisas que não são fruto da intimidade com Deus, que não estão no centro da vontade de Deus, porque não temos bastante amizade e intimidade com Deus para discernir a sua vontade?!

Existe um grande risco em nossa vida. Risco que não desejamos de forma nenhuma, mas que é o fim certo para quem não tem vida de oração: o risco, como diz São Bernardo, da dureza de coração.

O que é a dureza de coração? É resistir a Deus e à sua santíssima vontade. Muitos de nós, que antes passávamos tanto tempo aos pés do Senhor, agora desenvolvemos uma verdadeira alergia. Se passamos mais que quinze minutos diante dele, todo o nosso corpo se rebela, dos músculos aos ossos; uma inquietação total nos invade. Este estado deriva da perda da disposição em contemplar a face do Senhor. Quando nos reconhecermos neste estado, saibamos que é chegado o momento de suplicar ao Senhor que renove em nós a graça da piedade.

Diz ainda São Bernardo que “a razão mostra de maneira inequívoca que, se dependesse de nós fazer o que é conveniente, seria necessário preferir em tudo,

por tudo, a virtude que serve para tudo, ou seja, a piedade".

Vem-me à mente um exemplo da vida de Madre Teresa de Calcutá. Conta-se que, no início da sua congregação, as irmãs faziam uma hora de oração pela manhã, antes de dedicar-se ao trabalho com os pobres. Um dia, as irmãs disseram à Madre:

"Madre Teresa, é muito difícil ficar uma hora em oração, cumprir todos os nossos deveres espirituais e depois ir trabalhar para os pobres: o tempo não é suficiente!".

"Ah... tem pouco tempo?", respondeu Madre Teresa, "tudo bem, a partir de hoje rezaremos por duas horas ao invés de uma. Se achamos que o tempo não é suficiente para servir os pobres, é porque nós não sabemos viver bem o tempo com o Senhor. Para compreendê-lo bem precisamos rezar mais".

Tem um outro fato, que diz respeito ao nosso Papa João Paulo II1, que é muito significativo.

O Santo Padre, como sabemos, é um homem de grande oração, muito configurado a Jesus Sacerdote, que se oferece ao Pai e ao Seu povo. Durante o seu dia ele reserva um tempo considerável para a oração pessoal e, em tais momentos, não quer ser incomodado por nenhum motivo. Diz-se que um dia, enquanto o Papa estava rezando, o seu secretário abriu a porta. O Papa virou-se e disse:

"É mesmo necessário que o senhor me incomode agora, não vê que estou rezando?"

"Sim, Santo Padre", respondeu, embaraçado, o secretário.

"Mas", retomou o Papa, "é algo urgente?", ao que secretário respondeu:

"Sim, Santo Padre".

"Mas é tão grave assim?", insistiu o Papa.

"Sim, Santidade".

"Então", concluiu o Papa, "vá embora e feche a porta, porque preciso rezar mais ainda para resolver este problema!".

É exatamente isto que acontece com um homem de oração. A sua confiança não reside em si mesmo, mas no Senhor. É em momentos desafiantes que podemos perceber o real valor da oração para nós.

MESTRE: ENSINA-NOS A REZAR

Tomemos Lucas 11,1:

“Estando num certo lugar, orando, ao terminar, um de seus discípulos pediu-lhe: ‘Senhor, ensina-nos a orar, como João ensinou a seus discípulos”.

É interessante notar como os apóstolos, que vêem Jesus em oração, se sentem atraídos por Jesus orante. Por isso, pedem de forma espontânea: “Ensina-nos a rezar”. Como fez para com os discípulos, é o próprio Jesus quem nos ensina o caminho profundo da oração.

Se desejamos conhecer profundamente a pessoa de Jesus, temos que lhe pedir para nos fazer penetrar no abismo do seu coração. O conhecimento intelectual sobre Jesus não basta. Não é suficiente conhecer e repetir belos discursos sobre a pessoa de Jesus. É preciso pedir a Jesus que nos leve à profundidade do seu coração. Ele tem coisas maravilhosas a nos revelar da sua vida, para a nossa vida.

Dizia Santa Teresa de Ávila: “Se pudesse, subiria na montanha mais alta do mundo para gritar: oração, oração, oração! Sem oração não há salvação!”.

A fonte da nossa alegria vem do conhecimento da profundidade do coração de Jesus. Tão somente do mistério da sua misericórdia, da sua bondade, da sua santidade, pode transformar a nossa vida; não os nossos bons propósitos, as nossas intenções piedosas, mas só a graça que jorra do coração de Jesus. Só através dela podemos nos converter, só ela pode nos revelar o que precisamos e curar até mesmo as nossas feridas mais profundas. Só esta graça pode nos configurar a Jesus Cristo.

SE OS RESPONSÁVEIS REZAM, A COMUNIDADE VAI REZAR

Eis um exemplo muito simples: quando se joga uma pedra em um espelho de água, o que acontece? Formam-se vários círculos concêntricos que vão se dissipando ao redor. Assim acontece também conosco, quando encontramos Jesus e Ele nos torna homens e mulheres de oração.

Se formos homens e mulheres configurados a Jesus Sacerdote, homens e mulheres de profunda, cotidiana oração; homens e mulheres que passam muito tempo em intimidade com Jesus, a sua graça se manifestará ao nosso redor.

Muitas vezes, entre nós, os líderes, os responsáveis, lamentamo-nos que os membros de nossa comunidade não rezam. No entanto, se não rezam é porque não recebem de nós, responsáveis, um exemplo de oração. Se formos homens e mulheres de oração, contagiaremos todos aqueles que estão ao nosso redor. É uma equação muito simples: servos orantes, configurados a Jesus Sacerdote = povo em oração, configurado a Jesus Sacerdote.

SÓ AOS PEQUENINOS...

Vamos encerrar este momento com outras duas passagens de Lucas (10,21-22; 22,39-46):

“Naquele momento, ele exultou de alegria sob a ação do Espírito Santo e disse: ‘Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas aos sábios e entendidos, e as revelastes aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai e ninguém conhece quem é o Filho senão o Pai, e quem é o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar”.

“Ele saiu e, como de costume, dirigiu-se ao monte das Oliveiras. Os discípulos o acompanharam. Chegando ao lugar, disse-lhes: ‘Orai para não entrardes em tentação’. E afastou-se deles mais ou menos a um tiro de pedra, e, dobrando os joelhos, orava: ‘Pai, se queres, afasta de mim este cálice! Contudo, não a minha vontade, mas atua seja feita!’. Apareceu-lhe um anjo do céu, que o confortava. E, cheio de angústia, orava com mais insistência ainda, e o suor se lhe tornou semelhante a espessas gotas de sangue que caíam por terra. Erguendo-se após a oração, veio para junto dos discípulos e encontrou-os adormecidos de tristeza. E disse-lhes: ‘Por que estais dormindo? Levantai-vos e orai, para que não entreis em tentação!”.

Estas duas passagens nos mostram o Espírito que revela Jesus em oração e também o conteúdo da sua oração.

Em primeiro lugar, Jesus exulta no Espírito porque o Pai revela os seus segredos somente aos pequeninos, enquanto estes se sentem fracos, pecadores, cientes de ter necessidade da graça de Deus. Estes podem dizer com Pedro: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivo”. Não podem dizê-lo os soberbos, os grandes, aqueles que julgam pouco necessário estar de joelhos diante de Deus, aqueles que se sentem, até mesmo, maiores do que Jesus.

Não se assustem com esta definição. Jesus precisava estar por muito tempo, por noites inteiras, em oração, em intimidade com o Pai; Ele gastava muito do seu tempo fazendo isso. Quem julga pouco importante fazer isto, acha-se menos necessitado do que Jesus, mais forte do que Ele.

Para justificar nossa pouca oração, usamos, por vezes, uma desculpa muito boba. Dizemos: “A minha vida já é uma oração”. Mas se o fosse realmente, você gostaria, como Jesus, de estar sempre mais em intimidade com o Pai. Só assim poderão existir verdadeiros oásis de oração no seu dia. Mas se estes não existem, você se assemelha mais a um soberbo do que a um pequenino...

Jesus se revela só aos pequeninos, àqueles que dobram os joelhos, que

abaixam a cabeça: estes descobrem a alegria de ser filhos de Deus Pai. Podem descobrir isto porque estão configurados a Jesus Sacerdote, conhecendo a intimidade do coração de Jesus. Esta é a única fonte da nossa alegria: saber que somos filhos no Filho, filhos do Pai que está no céu.

Transformarmo-nos à imagem de Jesus Sacerdote, vai levar-nos a uma confiança maior no Pai. Vimos isto na segunda passagem quando Jesus reza dizendo: “Não seja feita a minha, mas a tua vontade”.

Qual é o motivo pelo qual nós rezamos? Muitas vezes o fazemos para mudar a vontade de Deus. Mas isto é um erro. Devemos rezar para submeter a nossa vontade à vontade de Deus. A vontade de Deus: esta é a fonte da nossa alegria. O perigo nos vem da nossa vontade, quando nos convencemos que nela se encontra a felicidade, investindo todas as nossas energias para realizá-la...

Ao seguir a vontade Pai, não corremos este risco! A sua vontade, quando a realizamos, nos conduzirá sempre à alegria, à felicidade! Isto é certo, mesmo que signifique a cruz! Oramos para poder ver, além da cruz, a força da ressurreição. Oramos para que os nossos olhos se abaixem, os nossos joelhos se dobrem, enquanto, juntos com Jesus, dizemos: “Sim, Pai, cumpra-se a tua vontade em todas as áreas da nossa vida!” Esta é a plena realização do configurar-nos a Jesus Sacerdote, quando crescemos na intimidade com o Pai, quando conhecemos a sua santíssima vontade, para dizer um sim incondicional a ela, oferecendo toda a nossa vida, tornando-nos instrumentos de graça para todos. Estaremos, assim, seguindo o caminho de Jesus Sacerdote, de intimidade com Ele, buscando e obedecendo à vontade do Pai. O único caminho para fazê-lo é a oração.

Intercessão final

Vamos rezar agora pedindo a Deus a graça de nos tornarmos realmente homens e mulheres de oração. Não só em palavras, mas de fato, homens e mulheres que todo dia rezam, estando em intimidade com Jesus. Só com um coração pequeno, humilde, podemos pedir esta graça ao Senhor. O Espírito Santo no-lo concederá se lhe pedirmos.

Não sei a que grau de oração vocês chegaram, mas sei com certeza que vocês podem avançar, e muito: este é um caminho que nunca termina; a partir do grau que vocês alcançaram, peçam esta graça a Deus!

Amado Jesus, eu te peço agora que, pela glória do teu Pai, tu envies o Espírito Santo aos nossos corações. Jesus, vem quebrar o nosso orgulho, vem quebrar toda a nossa soberba. Jesus dá-nos um coração pequeno, que sinta quanto necessita da tua graça, que precise de ti, que precise todos os dias mergulhar no

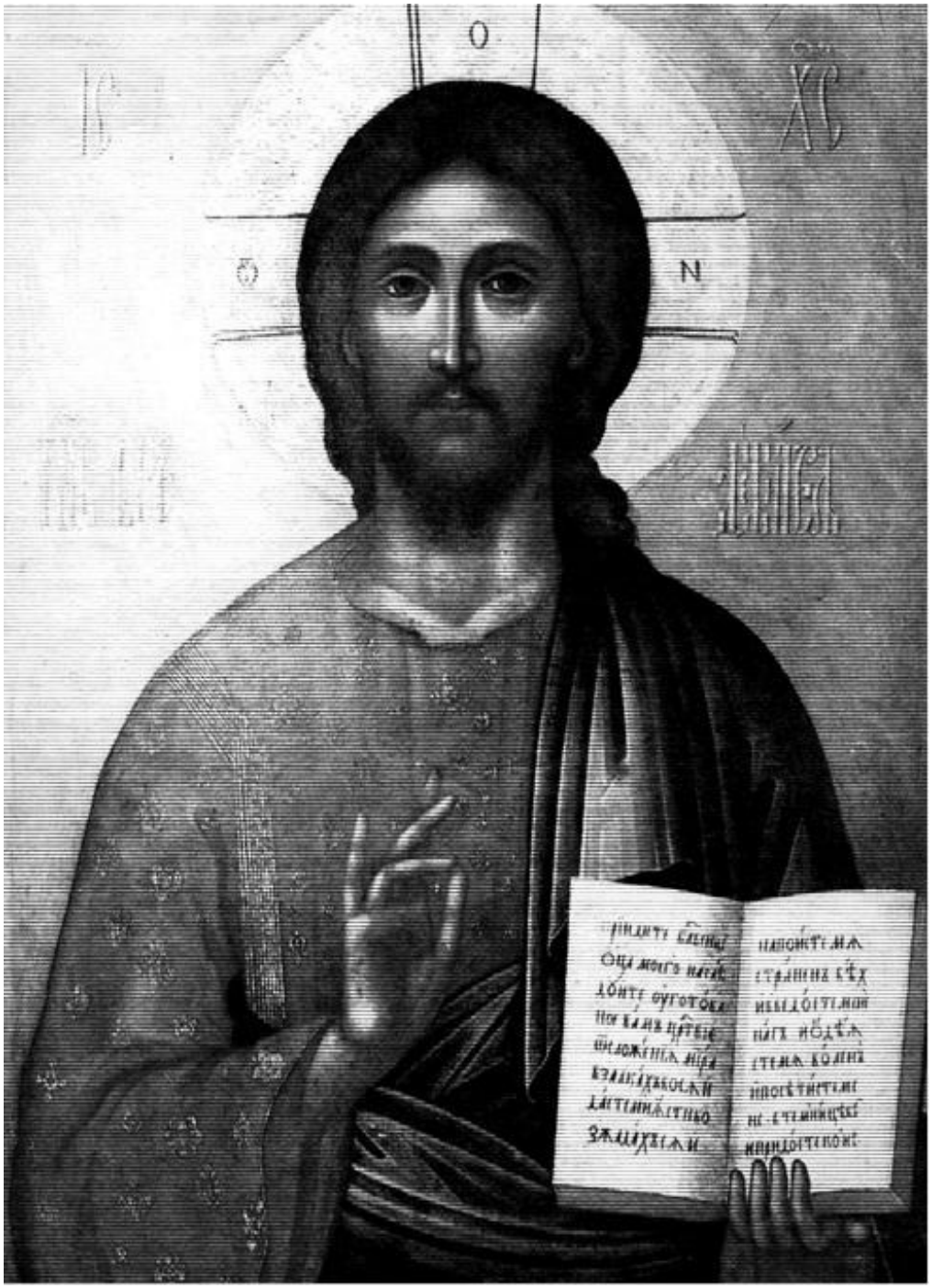
mistério do teu coração. Dá-nos, Senhor, o dom da piedade, faze-nos homens e mulheres de oração profunda, de profunda intimidade contigo. Dá-nos a graça de todos os dias gastarmos tempo contigo na oração, configurando-nos a ti, Jesus Sacerdote, entregando-te a nossa vida, e tu, entregando a tua vida a nós.

Virgem Maria, intercede por nós, por esta graça que pedimos a Jesus por meio do Espírito Santo! Amém.

1. Cada vez que Moysés se referir ao Papa, está citando João Paulo II(Sumo Pontífice entre 1978 e 2005.) que era o papa vigente na data da Palestra.

Capítulo II

Jesus Rei



A luta de Jesus com o tentador

Comecemos com Lucas 4,1-13:

“Jesus, pleno do Espírito Santo, voltou do Jordão; era conduzido pelo Espírito através do deserto durante quarenta dias e tentado pelo diabo. Nada comeu nesses dias e, passado esse tempo, teve fome. Disse-lhe então o diabo: “Se é o filho de Deus, manda que esta pedra se transforme em pão’. Replicou-lhe Jesus: ‘Está escrito: Não só de pão vive o homem’. O diabo, levando-o para mais alto, mostrou-lhe num instante todos os reinos da terra e disse-lhe: ‘Eu te darei todo este poder com a glória destes reinos, porque ela me foi entregue e eu a dou a quem eu quiser. Por isso, se prostrares diante de mim, toda ela será tua’. Replicou-lhe Jesus: ‘Está escrito: Adorarás ao Senhor teu Deus, e só a ele prestarás culto’. Conduziu-o depois a Jerusalém, colocou-o sobre o pináculo do Templo e disse-lhe: ‘Se és Filho de Deus, atira-te para baixo, porque está escrito: Ele dará ordem a seus anjos a teu respeito, para que te guardem. E ainda: E eles te tomarão pelas mãos, para que não tropeces em nenhuma pedra’. Mas Jesus lhe respondeu: ‘Foi dito: Não tentarás ao Senhor teu Deus’. Tendo acabado toda a tentação, o diabo o deixou até o tempo oportuno”.

Vimos, hoje pela manhã, como Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto, para encontrar-se com o Pai e vimos como acabou por encontrar, no meio do caminho, o demônio. Nesta mesma passagem vimos a luta que Jesus trava com o tentador. Jesus enfrenta o autor do pecado e as maiores tentações às quais a humanidade é submetida: a do poder, do possuir e do prazer.

Jesus não só enfrenta o tentador, mas o vence, manifestando-se como Rei e Senhor.

Na sua primeira carta, João diz: “Para isto é que o Filho de Deus se manifestou:: para destruir as obras do diabo” (3,8b). Jesus é o Senhor: enfrenta o maligno e o vence. Por isto João Batista, vendo Jesus, exclama: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29).

Jesus é o Senhor, ungido pelo Espírito, enviado pelo Pai, que vence o mundo. É Ele quem diz: “Tende coragem, eu venci o mundo!” (Jo 16,33). A manifestação de Jesus na nossa vida é a vitória que Ele conquistou na cruz e se manifestou em nós: a vitória sobre o maligno, sobre o pecado, sobre o mundo, e tudo isso vivendo a nossa vida. É vitória encarnada em nossa vida.

No Catecismo da Igreja Católica, encontramos esta afirmação de São Leão Magno: “Não será, na verdade, função régia o fato de uma alma, submetida a Deus, governar o seu corpo?” (Sermones, 4,1: PL 54, 149, em Cat, 786). É,

exatamente isto, o que acontece quando nos configuramos a Jesus Rei, quando nos unimos à realidade de Jesus Rei e Senhor.

Uma decisão livre e incondicional por Jesus

A função real de Jesus tem por finalidade operar em nós a santidade. Jesus deseja comunicar a sua santidade à nossa fraqueza. É exatamente aí que se manifesta a sua vitória em nós.

Mas o que é a santidade? Cada um de nós tem uma resposta, mas acredito que concordamos todos sobre um fato: a santidade, antes de ser uma perfeição moral, é uma decisão livre e incondicional pela pessoa de Jesus Cristo. Eu poderia continuar, por todo o ensino, repetindo somente esta frase... porque é este o ponto fundamental, o segredo da santidade: a decisão livre e incondicional pela pessoa de Jesus Cristo!

Santa Teresa, ainda uma vez, nos convida a ter uma "determinada determinação" por Jesus Cristo. Uma adesão incondicional ao seu Evangelho, sem "mas", sem "porém", sem "talvez". Uma decisão livre e incondicional por Ele.

Hoje!

Tal decisão deve ser tomada no hoje de Deus, porque, muitas vezes, tomamos uma primeira decisão por Jesus, mas esquecemos de reafirmá-la a cada dia na nossa vida. Sabemos bem como Paulo, seja na Carta aos Coríntios, seja na Carta aos Hebreus, nos repete que "hoje é o dia da salvação", não amanhã, nem depois. No seu livro As Confissões, Santo Agostinho diz que a sua oração era esta: "Senhor, dá-me a castidade", mas no seu coração sentia uma voz que logo dizia: "mas sem muita pressa, Senhor..." Continuava a deixar para amanhã a sua decisão: "depois, depois, depois..."

Um dia, enquanto rezava, como sempre, pedindo a castidade, mas sem pressa, a graça de Deus o atingiu. Por que amanhã? Por que não hoje? Por que não agora? Por que não neste momento? Agostinho então rezou assim: "Senhor, dá-me agora a graça da castidade. Não sei se amanhã serei casto, mas hoje dá-me a graça da castidade!"

Com esta sinceridade de coração, Santo Agostinho tocou o ponto fundamental da sua primeira conversão. Depois daquele momento tornou-se um promotor da castidade e escreveu um livro sobre o assunto.

Inspirados por Santo Agostinho, cada um de nós peça a graça da conversão ao

Senhor, para a área da sua vida em que encontra mais dificuldade de conversão, que é exatamente aquela em que mais a graça de Deus quer intervir, sobre a qual Cristo quer reinar, não amanhã, mas hoje e agora!

Os dois pés no barco de Jesus

Gostaria de dar-lhes ainda um exemplo, mesmo se tenho um certo receio em fazê-lo. Posso romper um pouco as regras? [Obs.: A este ponto, Moysés desce do palco, coloca duas cadeiras lado a lado no corredor central e sobe sobre uma delas.].

Vamos fingir que estas duas cadeiras sejam dois barcos. Aquela, sobre a qual me encontro, é o barco da nossa vida. Cada um de nós viveu esta situação. Vivemos longe de Deus, conduzindo o barco da nossa vida.

Um dia, o barco de Jesus se aproximou do nosso. Jesus nos olhou nos olhos, nos amou e nos disse: “Vem e segue-me!” Nós não pudemos resistir àquele amor de Jesus e colocamos um pé no seu barco. Mas – muitas vezes – esquecemos de tirar o outro pé do nosso barco [Obs: Moysés, continuando com um dos pés sobre a cadeira onde se encontrava, coloca o outro na outra cadeira do lado, permanecendo assim].

Permanecemos assim, pensando que seja possível fazer as duas coisas. Entramos no grupo de oração, entramos na comunidade, nos tornamo-nos responsáveis por algum setor, mas o segundo pé ainda não se decide a separar-se do barco da nossa vida... Pensamos até mesmo que esta seja uma situação confortável, na qual é possível permanecer tranquilamente. Pensamos dentro de nós: “Muito bem. Não vivo mais no mundo, não cometo mais pecados graves. Está tudo bem. Mas não quero nem mesmo tornar-me como aquelas pessoas tão radicais que se comprometem totalmente; quero ter a minha vida, as minhas coisinhas...”.

O Senhor, porém, começa a pedir-nos sempre mais. Pede-nos passos mais largos, que signifiquem a retirada de todas as nossas seguranças, que nos fazem levar a sério Jesus, o Senhor da nossa vida.

Nós, no entanto, respondemos ao Senhor: “Não Senhor, isto é um pouco demais, eu quero ser equilibrado...”. Iludimo-nos que com Jesus possam existir três estradas, mas Jesus nos diz que existem só duas: uma estreita que conduz à salvação, por meio do sim incondicional por toda a nossa vida; e uma outra larga, muito fácil, que conduz à perdição. Não existe uma terceira estrada!

Aqueles que caminham na terceira estrada, aquela “equilibrada”, na verdade já estão, há muito tempo, sem que o saibam, na estrada larga... Conseguem ficar

nessa situação por muito tempo, mas, cedo ou tarde, encontrarão um problema. Um grave problema. A barca de Jesus não fica para sempre emparelhada com a barca da nossa vida, mas avança, vai além, sempre mais distante, ainda mais, ainda mais... [Obs.: Moysés, continuando com um pé na primeira cadeira, arrasta para longe a outra cadeira com o outro pé até começar a perder o equilíbrio].

A situação se torna insustentável. Não se pode ficar no meio. Se o fizermos, a situação vai só piorar. É indispensável tomar uma decisão: ou os dois pés no barco do mundo, ou os dois pés no barco de Jesus. Não tem uma terceira possibilidade.

O Senhor convida cada um de nós, hoje, a tomar uma decisão incondicional para toda a nossa vida: os dois pés no barco de Jesus! Amém! Amém!

SANTIDADE = FELICIDADE

Santidade! Santidade é colocar os dois pés no barco de Jesus. Uma decisão incondicional, cotidiana, para a nossa vida toda.

A palavra santidade tem um sinônimo: felicidade. Não existe ninguém que não deseje a felicidade. Perguntemo-nos, porém, no profundo da nossa alma, se estamos dispostos a um caminho decidido e incondicional rumo à santidade. Não existe outro caminho que leve à felicidade a não ser o caminho que nos leva a configurarmo-nos à santidade de Jesus Cristo. Este caminho se realiza buscando a graça de Deus, porque só esta pode nos conduzir à santidade. Em Torvergata, o Papa disse aos jovens: “Na verdade, quando vocês procuram a felicidade, é Jesus que estão procurando”.

Sermos santos: eis a única coisa que realmente conta nesta vida. Todo o restante é relativo. Deus nos criou para sermos santos. Nascemos para os altares. Isto não são palavras bonitas, isto é a verdade. O Senhor deseja elevar-nos aos altares, para que as futuras gerações possam ter em nós uma referência.

Digam uns aos outros, sem medo nem vergonha: “Você nasceu para ser santo!”. Esta é, sem dúvida, a maior verdade que podemos dizer hoje uns para os outros. Se não formos santos, não terá valido a pena nascer, porque para isto fomos criados por Deus.

REINAR = SERVIR

Mais uma vez. O que é a santidade? O Catecismo da Igreja Católica nos diz que esta é “reinar com Cristo”. Mas o que significa reinar com Cristo para o cristão? Reinar significa servir.

Jesus, na última ceia, ajoelha-se para lavar os pés dos apóstolos. Depois diz a

eles uma coisa muito importante: “Vós me chamais de Mestre e Senhor e dizeis bem, pois eu o sou. Se, portanto, eu, o Mestre e o Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais”. (Jo 13,13-15).

Jesus diz, depois, uma palavra chave: “Se compreenderdes isso e o praticardes, felizes sereis”. (Jo 13,17). Eis o segredo da felicidade. A felicidade não está na medida em que me sinto bem dentro de mim mesmo. A felicidade está na medida em que eu saio de mim para ir ao encontro do outro: rumo a Deus e rumo aos meus irmãos.

A felicidade verdadeira não é aquela que o mundo chama de tal. O mundo mente. A Palavra de Deus diz a verdade. A felicidade para a nossa vida existe na medida em que, descentralizados de nós mesmos, a cada dia, nos lançamos rumo a Deus, rumo aos outros e rumo à Igreja.

Reinar é servir. Mas o que significa servir? Servir é amar. Mas o que é amar?

Uma vez, uma grande jornalista fez duas perguntas muito interessantes a Madre Teresa de Calcutá:

“Madre Teresa, como a senhora consegue ter a sua vida completamente dedicada aos pobres? Eu não conseguiria nem mesmo por um milhão de dólares!”.

“Nem eu...”, respondeu Madre Teresa.

Não era por um milhão de dólares que ela fazia isto, ela só conseguia fazê-lo por amor a Jesus e por amor aos irmãos.

Perguntou ainda a jornalista:

“O que significa amar?”.

“Amar é doar-se até doer”, respondeu Madre Teresa.

Replicou a jornalista: “Precisa mesmo chegar até a dor?”.

“Sim, até sentir dor, porque nos sacrificamos só por quem amamos. Se você não ama algo, não está disposta a sacrificar-se por ele. O sinal certo de que se ama algo ou alguém é chegar a sacrificar-se. O amor se manifesta no sacrifício”, concluiu Madre Teresa.

Quando me sacrifico pelo meu irmão, dou provas de que o amo; não foi isto que Jesus fez por nós? Sem esta kenosis, sem este esvaziamento não existe amor. Jesus mesmo disse: “Que vos ameis uns aos outros como eu vos amei” (Jo 13,34). O termo de comparação para o nosso amor é Ele mesmo. Como nos amou Jesus? Até o sacrifício da cruz.

Jesus, “tinha a condição divina, e não considerou ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz!”. (Fil 2,6-8).

Por amor a nós, Jesus não só se fez homem, não só se fez escravo, não só morreu na cruz, mas se fez pão para tornar-se alimento. Jesus se deixou triturar (como se faz com o trigo) par se tornar pão, alimento e vida para aqueles que o trituraram.

Santo Inácio de Antioquia, indo ao encontro da morte em Roma, nos dentes dos leões, dizia assim: “Eu sou o trigo de Cristo: que eu possa ser triturado pelos dentes das feras, para me tornar pão puro para o Senhor”1. Nesse sentido, por amor a Jesus e por amor à humanidade, também nós devemos nos tornar Eucaristia viva. Devemos estar dispostos a nos tornar trigo triturado nos dentes da humanidade, para ser sinal de amor.

Como podemos oferecer-nos à humanidade? Doando-nos, entregando-nos, perdoando-nos, dando uma nova possibilidade aos irmãos, dando esperança àqueles que estão ao nosso redor, não tendo medo de nos entregar, mesmo se estivermos feridos. Devemos simplesmente fazer pelos outros aquilo que Jesus fez por nós.

Não deixar nunca de amar o irmão

Partilho com vocês um pensamento que deveríamos guardar ciosamente: “Não abandone o seu irmão, porque Jesus não abandonou você”. O Senhor nos chama a um amor que nunca se cansa do irmão. Configurarmo-nos a Jesus Senhor significa viver este amor, servir, entregar-nos ao outro.

Fico sempre impressionado por aquela passagem do Evangelho na qual Jesus diz: “Amai os vossos inimigos” (Mt 5,44; Lc 6,27.35). Muitas vezes procuramos estes inimigos muito longe de nós. Na prática, porém, é àqueles que estão ao nosso redor, que consideramos inimigos. Quando Jesus nos manda amar os nossos inimigos, leva-nos a fazer uma grande descoberta. Aqueles que julgamos inimigos, na realidade são nossos irmãos, que somos convidados a amar. Eles são dom de Deus para nós para que se tornem objeto do nosso amor. O outro, o diferente, ele é meu irmão.

Vem-me à mente a história de São Bento. Na comunidade de São Bento havia um irmão que tinha um ódio profundo contra ele e que um dia resolveu matá-lo.

Observemos que este fato acontece no interior de um convento, em uma comunidade. Exatamente ali nasceu um ódio terrível contra São Bento. Aquele

irmão tinha decidido matar o santo colocando veneno no seu copo. Quando São Bento abençoou a comida, enquanto fazia o sinal da cruz sobre os alimentos que estavam sobre a mesa, o copo despedaçou-se e o veneno foi descoberto. Esta é a parte famosa da história. Mas continua. O monge que tinha tramado o envenenamento, ao ver-se descoberto, fugiu. São Bento correu atrás dele – não para puni-lo, como poderíamos imaginar. Quando o alcançou, o abraçou e disse: “Meu irmão, vem, vamos recomeçar”.

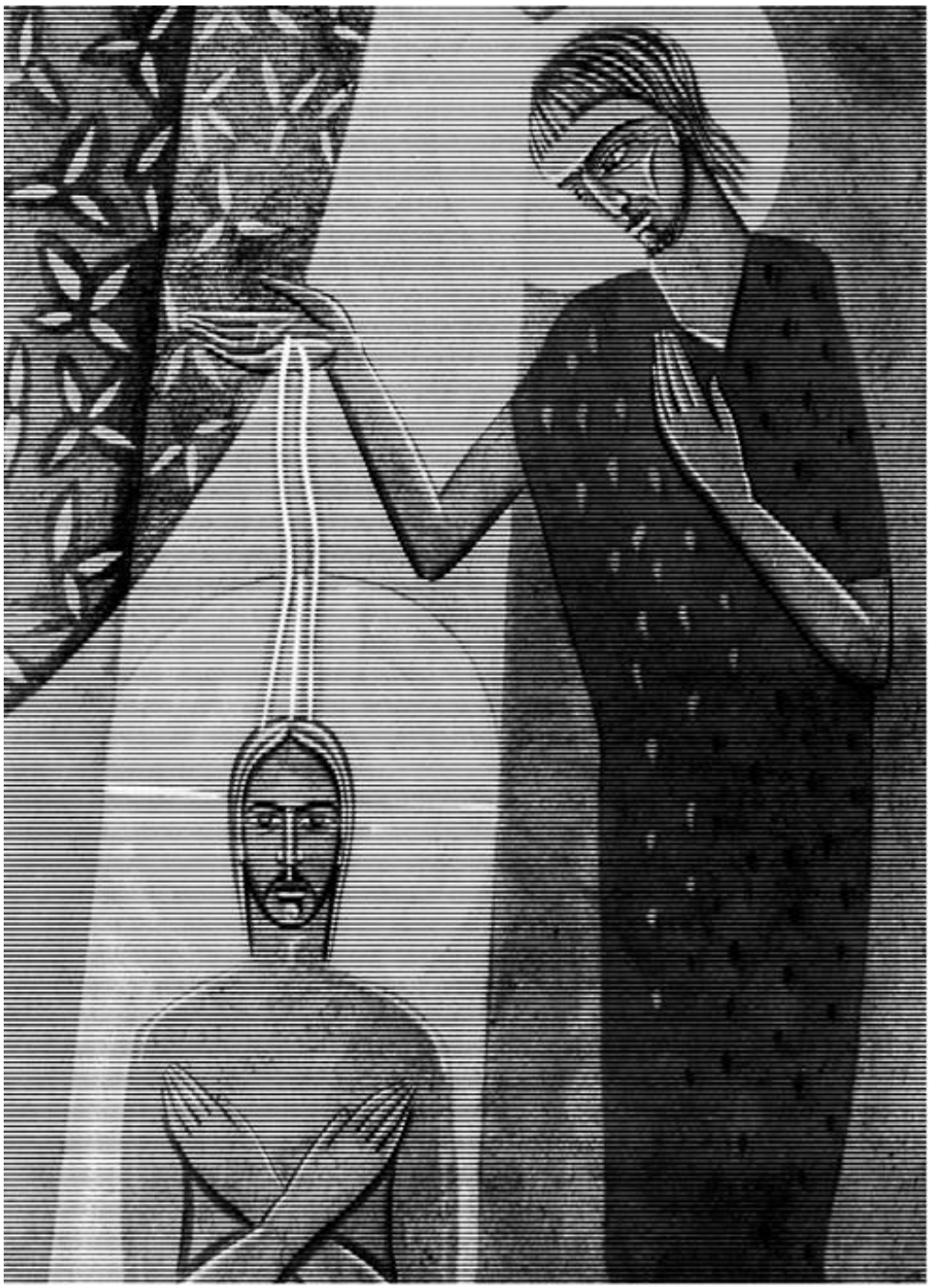
Eu costumo dizer na minha comunidade que não devemos nos escandalizar se, na nossa vida comunitária, descobrirmos veneno, porque nós somos humanos, frágeis, e a nossa fraqueza se manifesta. Vocês sabem o que deveria nos escandalizar? Não encontrar o antídoto da misericórdia, do perdão e da compaixão na nossa comunidade, não encontrá-lo no nosso coração. Só Jesus Senhor poderá nos levar a tanto.

Pe. Raniero Cantalamessa diz: “O homem vale tanto quanto ama a Deus e quanto ama ao próximo. Nada mais”. Esta é uma palavra muito forte, que deveríamos aprender de cor.

1. Da Carta aos romanos, de Santo Inácio. Cap. 4(Séc I)

Capítulo III

Jesus Profeta



Tomemos a passagem de Lucas no capítulo 4,18-19.

“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor”.

Quem foi proclamar estas palavras na sinagoga de Nazaré? Jesus. Ele abriu o rolo de Isaías, leu, depois disse: “Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura”. . “O Espírito do Senhor está sobre mim”. Com esta frase teve início a obra profética e evangelizadora de Jesus. Ungido pelo Espírito, Ele proclama, incansável, a Boa Nova, de cidade em cidade, de vila em vila, com autoridade, cheio do Espírito que é o Ruah de Deus, o sopro de Deus, que o cumula de força e de autoridade. Jesus, repleto do Espírito, é um com o Espírito e, quando prega, o povo diz dele: “Ele ensina com autoridade” (cf. Mt 7,29; Mc 1,22.27; Lc 4,32.36).

O Espírito Santo dá a Jesus a força, a parresia, para anunciar a Palavra de Deus. Parresia é uma palavra grega que indica a graça que Deus nos dá para enfrentar todos os desafios e permanecer fiéis à Palavra. É a força que inflamou os apóstolos, os mártires, os santos e que quer nos inflamar hoje. O Espírito, o mesmo que ungiu Jesus, continua a inflamar a Igreja.

A Nova Evangelização

Através de quem o Espírito fala na Sagrada Escritura? O Espírito unge os profetas para falar por meio deles.

Ao contemplarmos Jesus Profeta, não há como não nos lembrarmos do grande profeta neste novo milênio: João Paulo II e da expressão chave do seu pontificado: “Nova Evangelização”. Esta expressão marca todo o seu pontificado. É o Espírito quem nos fala através do Vigário de Cristo: “É necessário uma nova evangelização; nova nos meios, nos métodos, no ardor”.

Estamos vivendo um momento decisivo na história do mundo e da Igreja. As ideologias foram destruídas. A proposta do novo mundo globalizado não pode responder às necessidades do coração do homem. A humanidade está experimentando um grande vazio e este é um momento especial. Um momento histórico, no qual, por meio do Vigário de Cristo, o Espírito nos pede uma nova evangelização. O Espírito foi derramado de maneira excepcional nesta passagem de milênio, exatamente para isto. Nós experimentamos o batismo no Espírito em vista deste desígnio de Deus. Fomos enviados para, com poder e autoridade,

penetrar no coração vazio do homem do nosso tempo e proclamar Jesus Cristo ontem, hoje, sempre.

Ele é o Senhor e tem a resposta para o homem moderno, para o homem do novo milênio. Nós somos chamados a nos configurar também a Jesus Cristo Profeta. Somos chamados a ser profetas, anunciadores desta Boa Nova da qual o mundo tem sede.

O papel das Novas Comunidades

O Espírito diz: “Nova evangelização, nova nos seus meios”. Não é a isto que estamos assistindo neste tempo? Os novos carismas que estão surgindo, as Novas Comunidades, os Movimentos... Estes são os novos meios que o Espírito está fazendo surgir. Deus nos constituiu para que fôssemos uma resposta para o homem de hoje.

O Santo Padre fala de uma “nova primavera” na história da Igreja. Isto é uma grande graça e temos que reconhecê-la com grande alegria. Mas, ao mesmo tempo, a nossa responsabilidade é grande! O Senhor nos constituiu profetas do novo milênio.

A criatividade de Deus

O Espírito diz, a nós que desejamos nos configurar a Cristo Profeta: “Nova evangelização, nova nos seus métodos”. O que significa que a nova evangelização tem que ser nova nos seus métodos? Significa criatividade.

Por favor, olhem para suas mãos. São idênticas uma à outra? Não. Nem mesmo a íris do olho direito de vocês é idêntica à do esquerdo, talvez parecida, mas não igual. Vocês sabem por quê? Porque Deus é criativo. Deus não repete: não tem um homem igual a outro, não tem digital idêntica à outra em bilhões de pessoas que foram criadas! Deus é criativo, é aquele que faz novas todas as coisas!

Certamente não foi Deus quem criou a fotocopiadora, só os homens poderiam inventá-la... Deus não consegue fazer cópias! Até mesmo esta história da clonagem, está muito longe da vontade de Deus...

Deus é criativo, sempre novo e deseja tomar o mesmo Evangelho, o mesmo Jesus (que é o mesmo ontem, hoje e sempre), e dá-lo através de uma linguagem nova para os homens de hoje, através do dom do Espírito que nos é dado. O Espírito está dentro de nós e podemos liberar a criatividade de Deus em nós.

Como disse o Papa em Torvergata, o homem de hoje é como São Tomé: está

distante de Deus, da Igreja e precisa tocar o coração de Cristo, colocar a sua mão no lado aberto de Jesus, para receber o choque da ressurreição, para ter a própria vida completamente transformada. Para que isto possa acontecer, devemos ter a força do Espírito e criatividade para atrair o homem de hoje para fazer uma experiência com Jesus Cristo.

O Senhor deseja dar-nos a criatividade.

Às vezes, meditando sobre a passagem de São Tomé, percebo que os homens de hoje precisam colocar a mão no lado aberto de Jesus para experimentar o "choque da ressurreição". Mas onde está o lado aberto, o coração de Jesus, para que possa ser tocado pelo homem de hoje e para que ele possa ver a graça da ressurreição penetrar na sua vida? A resposta é simples: no corpo ressuscitado de Jesus Cristo, nos seus membros, na sua Igreja, em nós.

Os homens desejam ver em nós o coração ressuscitado de Jesus Cristo. Olhando-nos, escutando-nos, tocando-nos, querem ver, escutar e tocar Jesus Cristo. Somos chamados a ser o corpo místico vivo de Jesus, para levar todos os homens a experimentarem a graça da ressurreição do Senhor.

O ardor do Santo Padre

O Espírito diz: "Nova evangelização, nova no seu ardor". Gostaria de falar sobre a necessidade do ardor que precisamos para evangelizar neste tempo, através da pessoa de João Paulo II. Não para fazer um culto da personalidade, mas para ver os sinais proféticos que Deus dá à Igreja de hoje.

Há menos de um século, o Papa era chamado "o prisioneiro de Roma". Hoje o título mais apropriado seria o de peregrino, porque assim o fez tornar o nosso Papa. Visitou quase 130 países. Incansável nas suas viagens!

Vem-me à mente o dia do seu jubileu sacerdotal. Eu estava lá, na Basílica de São Pedro; vi-o entrar pela nave central da Basílica: cansado, doente, abatido, velho... mas não parava de caminhar, continuava avançando, mesmo na dor prosseguia. Naquele momento percebi que este homem tem uma urgência no coração. Quando olha para o mundo e o vê marcado pela violência, pela fome, pela guerra, pela cultura de morte, dentro do coração do Papa se levanta um grito: a urgência da evangelização. É necessário levar Jesus Cristo a todos os povos, a todas as nações. Nisso, nada pode detê-lo: nem o tiro, nem a doença, nem o sofrimento, nem a velhice.

Às vezes, nós cristãos poderíamos ser tentados a dizer: "Não, João Paulo II, o senhor não precisa mais continuar, sente-se, repouse, o senhor está tão velhinho... não precisa fazer outras viagens... já fez tantas...". Mas seria uma

tentação. Ele não muda em nada. Continua, mesmo doente. Viaja sempre mais uma vez, faz sempre mais um discurso, mais uma homilia, mais uma bênção. Nada pode detê-lo.

Isto é um grande sinal para nós! Nada deve deter-nos! Não existe uma única desculpa válida que possa opor-se à exigência de sermos profetas do novo milênio. Poderíamos dizer que estamos doentes, que somos jovens demais, muito velhos, muito ocupados... Não! É tudo desculpa!

A nova evangelização urge! Urge levar Jesus Cristo ao coração do mundo. Nós fomos investidos, pela misericórdia de Deus, neste preciso momento histórico, para esta missão.

A força que recebemos na oração, que encarnamos no amor dentro da vida fraterna, é um trampolim para ir ao encontro do mundo a anunciar com toda autoridade e força que Jesus Cristo é o Senhor. Esta é a graça à qual o Senhor nos chama. Desta forma, seremos configurados a Jesus Profeta.

Até o martírio

Irmãos e irmãs, fomos chamados neste tempo a enfrentar os desafios. E mesmo que os desafios nos tragam sofrimentos, mesmo assim, somos chamados a ser profetas do novo milênio.

É interessante, a respeito disto, o ensinamento do Santo Padre. Na famosa noite de Torvergata, diante dos jovens, mas também durante o Jubileu dos leigos, o Papa insistiu sobre o tema do martírio. Ele disse: “Talvez a vocês não será pedido sangue, mas a fidelidade a Cristo, certamente sim”. Assim, permanecendo incondicionalmente fiéis ao Senhor, ao seu Evangelho, poderemos ser os profetas do novo milênio.

Que o Senhor nos dê esta graça!

Oração final

Jesus, tu és Sacerdote, Rei e Profeta.
Diante de ti, nós, nesta noite,
queremos te proclamar
Rei e Senhor da nossa vida.
Dá-nos esta graça agora,
para sermos profetas no novo milênio.
Jesus, precisamos nos oferecer
incondicionalmente a ti;
precisamos oferecer
toda a nossa vida a ti
e aos nossos irmãos,

para sermos profetas do novo milênio.
Precisamos de uma
conversão mais profunda, hoje.
Dá-nos esta graça,
para que agora possamos dizer-te o nosso sim
– não amanhã, mas hoje –
para que hoje seja o dia da nossa salvação!
Senhor, unge a nossa vida
e coloca no nosso coração
a urgência da nova evangelização,
a urgência de sermos profetas do novo milênio,
a urgência do mundo que espera
a manifestação dos filhos de Deus.
Vem, Espírito Santo!

Virgem Maria,
Estrela da Evangelização,
ajuda-nos a ser configurados
a Jesus Sacerdote, Rei e Profeta,
como testemunhas para o novo milênio.
Amém!

Álbum de Fotos



Pe. João, Moysés Azevedo e o Papa João Paulo II



Emmir e Moysés no Renascer 2005



Moysés, pregando no primeiro Renascer



Queremos Deus, no Estádio Castelão, em Fortaleza-CE.



Sede do primeiro Centro de Evangelização Shalom, que se localizava na rua Coronel Jucá, em Fortaleza-CE.



Moysés no Renascer de 2005



Fórum Carismático Shalom de 1997



Moysés e Emmir, cofundadora da Comunidade Shalom



Moysés e Nair (pais de Moysés)

**Esta obra foi composta em fonte Adobe Caslon,
processada em laser film e impresso em papel offset 75g/m2 (miolo)
e Cartão Supremo 250m2 (Capa) na Gráfica LCR.
Fortaleza, dezembro de 2011.**

Table of Contents

Introdução
Parte I
Testemunho Pessoal
- Uma família numerosa
- O encontro com Jesus
- O Batismo no Espírito
- Desejo de evangelização
- O encontro com o Papa
- Uma ideia muito louca
- Da Lanchonete à Comunidade
- A Comunidade Shalom

Parte II
Introdução
Capítulo I
- Jesus se revela
- Jesus orante
- Uma calúnia contra a Renovação
- A intimidade cotidiana com o Pai
- As dificuldades da oração pessoal
- Nada acima da oração
- Uma história muito significativa
- Configurar-se a Jesus
- A melhor parte
- Mestre: ensina-nos a rezar
- Se os responsáveis rezam,a comunidade vai rezar
- Só aos pequeninos...
- Intercessão final

Capítulo II
- A luta de Jesus com o tentador
- Uma decisão livre e incondicional por Jesus
- Hoje!
- Os dois pés no barco de Jesus
- Santidade = Felicidade
- Reinar = Servir
- Não deixar nunca de amar o irmão

Capítulo III
- A Nova Evangelização
- O papel das Novas Comunidades
- A criatividade de Deus
- O ardor do Santo Padre
- Até o martírio
- Oração final

Álbum de Fotos